

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E
RESPECTIVAS LITERATURAS**

**CRÍTICA SOCIAL E UFANISMO EM LIMA BARRETO: UMA ANÁLISE NA
PRODUÇÃO LITERÁRIA PRÉ-MODERNISTA DE *TRISTE FIM DE POLICARPO*
QUARESMA**

Autora: Rodis Márcia Crepaldi da Silva

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Silveira Maia

JUÍNA/2011

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE

**CRÍTICA SOCIAL E UFANISMO EM LIMA BARRETO: UMA ANÁLISE NA
PRODUÇÃO LITERÁRIA PRÉ-MODERNISTA DE *O TRISTE FIM DE POLICARPO*
QUARESMA**

Autora: Rodis Márcia Crepaldi da Silva

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Silveira Maia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras – Habilitações Português/Inglês e Respectivas Literaturas, do Instituto Superior de Educação da AJES, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

JUÍNA/2011

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Esp. Kátia Freitag

Prof. Me. César Borges

Prof. Dr. Cláudio Silveira Maia
Orientador

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida e por estar sempre no meu caminho, iluminando e direcionando as escolhas indubitáveis.

Às minhas filhas: Nayara Jadi e Thaynara Jadi, que foram o suporte de tudo para mim, apoiando-me nos momentos difíceis com força, confiança, amor, ensinando-me a perseverar nos meus objetivos e ajudando a alcançá-los.

À minha mamãe Delice dos Santos, pelo carinho, incentivo e por acreditar no meu potencial em todos os momentos, cuja fé me ensinou a ter fé em mim mesma e em Deus.

À minha amiga Vanessa Coimbra da Costa pela convivência, paciência e carinho.

À minha amiga Jeciane de Paula Oliveira pelos incansáveis momentos consagrados a nossa pesquisa, por estar presente em importantes momentos da minha graduação e se tornar uma irmã.

Ao orientador Cláudio Silveira Maia, agradeço as cobranças, exigências, dinamismo, confiança e por acreditar em meu potencial.

Agradeço às professoras Kátia Fraitag, Patrícia Britto e ao professor Rafael Guimarães: muito obrigada pelo apoio, paciência, incentivos e ajuda quando precisava.

Enfim, a todos que contribuíram para o sucesso deste trabalho: Serei sempre grata!

DEDICATÓRIA

Às minhas filhas, fonte de inspiração.

EPÍGRAFE

Quaresma, meu bem, Quaresma!
Quaresma do coração! Lutaste por um
Brasil que jaz, Delirando por esta terra de
paixão. Não foste reconhecido por isso
Todavia, Quaresma, meu cocumbi! És um
herói da antiga e por todo o “porvir” (RODIS
Márcia Crepaldi da Silva).

RESUMO

O presente trabalho visa desvendar o sentido do nacionalismo exacerbado, da obra de triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima de Barreto. Esta postura de valorização da própria nação e de tudo que lhe é próprio manifesta-se como base para a crítica, que o escritor mostra à sociedade brasileira, daquele período histórico, no que diz respeito a resultados pretendidos para os problemas do Brasil. O processo que consistem o personagem central do romance foi desenhado a partir da dissimulação do humorismo e da crítica, recursos utilizados pelo autor ao longo da obra. Esta monografia tem por objetivo fazer uma interpretação da crítica social e ufanista e entender o nacionalismo ufanista de Policarpo Quaresma, personagem protagonista da obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Devemos reconhecer que a obra do autor representa, assim, uma interrupção de um processo no caráter hegemônico do discurso nacionalista, que caracterizava a literatura brasileira no período romântico até os anos de 1920.

Palavras-Chave: Nacionalismo, Ufanismo, Lima Barreto, Policarpo Quaresma, Crítica Social.

ABSTRACT

This work aims at to unveil the sense of the exacerbation nationalism of the sad workmanship end of Policarpo Quaresma de Lima de Barreto. This position of valuation of the proper nation and, everything that it is proper manifest as base for the critical one that the writer shows the Brazilian society of that historical period in what says respect the results intended for the problems of Brazil. The process that consists the central personage of the romance was drawn from the dissimulation, of the humorismo and of it criticizes, resources used for the author throughout the workmanship. This work has for objective to make a critical interpretation of social and the ufanismo, to understand the nationalism of Policarpo Quaresma, personage proud protagonist of the sad workmanship end of Policarpo Quaresma. We must recognize that the workmanship of Rasp represents, thus, an interruption of a process in the character, hegemonic of the nationalistic speech that characterized Brazilian literature in the romantic period ties the years of 1920.

Keywords: Nationalism, Ufanism, Lima Barreto, Policarpo Quaresma, Social Criticism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Policarpo Quaresma e o General.....	36
Figura 2 – Policarpo, Olga e os deputados.....	37

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Lima Barreto, <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>	13
Crítica Social e Ufanismo em <i>Triste fim</i>	19
Considerações Finais.....	33
Referências Bibliográficas.....	35
Anexos.....	36

INTRODUÇÃO

Este trabalho acadêmico busca demonstrar, no romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, a dedicação da personagem central, a luta incansável de um brasileiro desvairado, antes de tudo nacionalista, destacando suas principais características como patriota extremado, idealizador, que o tornou símbolo da revalorização dos ideais nacionais e da construção da identidade nacional.

Portanto, pretende-se demonstrar que *Triste fim de Policarpo Quaresma* teve o propósito consciente de fazer crítica social e cultural do Brasil, especificamente no decorrer do final do século XIX, uma época em que o país estava passando pela chamada Primeira República, no Rio de Janeiro, oferecendo como figura central do romance o major Policarpo Quaresma. Ele nos mostra um caminho de reflexão sobre o sentimento de nacionalismo e respeito por uma Pátria que surgia assentada em base republicana.

Por intermédio deste trabalho serão analisados o nacionalismo e o ufanismo em seus termos originais, ou seja, identificar-se-ão os meios da valorização da cultura nacional, a pessoa para quem tudo, no Brasil, é maior, é melhor; tendo em vista que o produzido aqui é tão bom, ou melhor, do que o produzido no exterior.

Apresenta-se o ufanismo como crítica social articulada em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, revelando a luta de um brasileiro loucamente apaixonado por sua terra e que antes de tudo era nacionalista/visionário, em busca de uma identidade nacional e de um Brasil justo.

Para desenvolver este trabalho, ateremos às considerações de Afrânio Coutinho e Alfredo Bosi como base principal.

O presente trabalho será realizado mediante pesquisa bibliográfica e leitura interpretativa com um breve enfoque no período estético-literário chamado Pré-Modernismo, no Brasil, no seu contexto histórico, político e social; traçou-se um paralelo entre os momentos do nacionalismo na literatura brasileira e a análise do ufanismo *doentio* e fantasioso provocado à vida do major Quaresma. O romance divide o sonho de um patriota extremado (ufanista, portanto), ao mesmo tempo em

que apresenta uma sátira impiedosa e bem divertida do Brasil oficial, que tece o romance na *obraprima* de Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.

Sendo assim, no primeiro capítulo fizemos uma contextualização deste romance, apresentando características do pré-modernismo, nas quais busca-se compreender os ideais defendidos pelo major Quaresma, uma vez que o mesmo tinha propostas para mudança de idioma do português para o tupi. Ainda no primeiro capítulo da obra de Lima Barreto, destacaremos a leveza com que o autor trata tema e linguagem em sua narrativa. O segundo capítulo é dedicado à crítica social e ao ufanismo em *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Observa-se que no início da obra, Policarpo Quaresma foi vítima de preconceito porque manifestava a sua idealização pela Pátria, refletindo lá sobre qual seria a expressão musical-poética característica da alma nacional. Por fim, apresentamos nossas considerações finais a propósito da realização deste trabalho.

LIMA BARRETO, *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA* E O PRÉ-MODERNISMO: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

O romance *triste fim de Policarpo Quaresma* já nos situa no universo de Lima Barreto, com os alvos a serem atingidos, numa mistura saudável de crítica, análise e humor. O tema central do livro é o nacionalismo, o nacionalismo absurdo, porém honesto, dessa figura quixotesca que é Policarpo Quaresma; um nacionalismo perigoso quando manipulado por férreas, como as do marechal Floriano. Lançado em 1911, o livro é uma profecia sobre os autoritários nazifascistas que ganhariam corpo a partir da década: para engrandecer a pátria, só um governo forte, ou mesmo a tirania. (NICOLA, 1998, p. 261).

Compreende-se que os ideais defendidos por Quaresma eram inovadores, pois uma das suas propostas de melhoria sugere a mudança do idioma português como língua oficial para o idioma Tupi, cujos estudos seriam realizados em escolas comuns, a título de ensinar-se uma língua genuinamente brasileira, com foco principal na linguística e cultura tupi.

Conforme Coutinho (1998, p. 218), “o espírito crítico de Barreto também se revela no campo linguístico, o qual caracteriza a língua cotidiana da época, utilizando uma linguagem crítica e despojada”.

Outra reflexão baseia-se no fascínio que Policarpo Quaresma sentia pela inteligência e sua aversão à superficialidade, vistas como “vacinas” para problemas que teimam em existir no Brasil e no mundo. De acordo com Bosi,

Já se tornou lugar-comum louvar a riqueza [...] e em termos de estrutura narrativa, o que é todo o enredo do romance senão a procura malograda de viver mais intensamente em um Brasil que já estava deixando de o ser, ao menos naquele sentido romântico e “meufanista” que o pobre major ainda quer cultivar? A grandeza de Lima Barreto reside justamente no ter fixado o desencontro entre “um” ideal e “o” real, sem esterilizar o fulcro do tema – no caso o protagonista idealizador – isto é, sem reduzi-lo a símbolo imóvel de um só comportamento. (BOSI, 1994, p. 320, grifo do autor).

Desde os primórdios do passado literário brasileiro, percebe-se que os escritores brasileiros buscavam exaltar sua Pátria e alguns deles se utilizavam de inúmeros detalhes, enquanto outros eram mais objetivos, porém, a maior meta de todos consistia na divulgação da riqueza natural e cultural brasileira. Já havia a

preocupação de um olhar crítico e ufano de grandeza das belezas naturais e riquezas do nosso país, como claramente observamos em *Canção do exílio* de Gonçalves Dias:

Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá;
 As aves, que aqui gorjeiam,
 Não gorjeiam como lá.
 Nosso céu tem mais estrelas,
 Nossas várzeas têm mais flores,
 Nossos bosques têm mais vida,
 Nossa vida mais amores.
 Em cismar, sozinho, à noite,
 Mais prazer encontro eu lá;
 Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.
 Minha terra tem primores,
 Que tais não encontro eu cá;
 Em cismar — sozinho, à noite —
 Mais prazer encontro eu lá;
 Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.
 Não permita Deus que eu morra,
 Sem que eu volte para lá;
 Sem que desfrute os primores
 Que não encontro por cá;
 Sem qu'inda aviste as palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.
 (GONÇALVES DIAS apud NICOLA, 1998, p. 139)

Gonçalves estava distante de sua Pátria, o *Brasil*, e com nostalgia e saudosismo descrevia-a, era o tempo do Romantismo, na *1ª geração poesia da natureza*, marcada por forte sentimento nacionalista ou ufanista.

Já em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, o personagem principal divulga a ideia da importância do país como um todo: a língua, o homem, a natureza, a terra, a educação e a leitura.

Policarpo quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, pó esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vêm na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialização os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma – usando do direito que lhe confere a constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro. (BARRETO, 1999, p. 54).

Na primeira parte, Policarpo Quaresma destina-se à música, modinhas populares nacionais. Para ele, “a modinha é a mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede” (BARRETO, 1999, p. 15). Ele tem o apoio de sua afilhada Olga, por quem nutre um afeto especial e Ricardo Coração dos Outros, trovador e compositor de modinhas, que conta a história do nosso herói do Brasil. Também se devota à importância da pesquisa do nosso folclore e por causa do seu amor incondicional e do seu patriotismo exacerbado resolveu também aprender tupi-guarani e os costumes dos nossos indígenas. Deslumbrado por essas ideias chega a fazer um requerimento à Câmara dos Deputados, solicitando a oficialização do Tupi como “língua nacional do povo brasileiro” e relata que o mal do país está na língua que conquistamos de empréstimo aos descobridores.

Segundo Coutinho (2002), Policarpo Quaresma passa por algumas transformações imprevistas:

Uma delas quando começa a tomar lições de violão com o seresteiro Ricardo Coração dos outros, com grande espanto da vizinhança que via nele a personificação da respeitabilidade. Com isso, rasga-se melhor a vida suburbana, no romance, com serenatas, as festas, os namoricos e os jogos das cartas que reúnem os parceiros mais curiosos. Tem-se assim um flagrante da “alta sociedade suburbana” que o romancista procura contrastar com o Botafogo, em detrimento naturalmente desta última. Quaresma que é letrado, como Gonzaga de Sá, sai de suas leituras com ideia fixa de fazer implantar-se no Brasil o tupi guarani como língua oficial. Esse traço de ardor nacionalista valeu-lhe uma popularidade crescente, logo derivada para o ridículo. Afinal, vai parar com a sua teoria no hospício de alienados, [...]. (COUTINHO, 2002, p. 223).

Policarpo Quaresma acredita que se devolvêssemos a língua portuguesa aos seus genuínos donos e tratássemos de descobrir onde se transviou a nossa língua vernácula, e então recontar com ela a nossa história, esta seria capaz de trasladar a grandeza das belezas de nosso país. Todavia, não é compreendido e torna-se objeto de mofa, zombaria, passando a ser constrangido na repartição onde trabalha, considerado como louco. É internado no hospício, que seria sua primeira decepção. Na descrição romanesca dessa situação, assim como em outras partes de sua obra, Lima Barreto mostra que o povo é quem constrói a cultura de um país e que cada indivíduo tem sempre sua visão sobre a sociedade.

Na Segunda parte, após sua primeira decepção de querer implantar o tupi como língua oficial e nacional do povo brasileiro, aposenta-se como funcionário

público. Digno e pontual, recebe o conselho de sua adorável sobrinha Olga que comprasse um sítio para viver calmamente. Ali poderia cultivar uma horta, cuidar de um pomar. Aderiu ao conselho de Olga e adquiriu uma propriedade chamada Sítio do Sossego, próximo à cidadezinha de Curuzu. Mudou-se, acompanhado de sua irmã Adelaide. Novamente deslumbra-se pelo empreender, e tal como se deslumbrara pela língua tupi, começa a planejar a sua vida na agricultura com a veracidade e a cautela que imputa todos os seus projetos, ou seja, reflete que só a partir de uma sólida agricultura é que o país poderá finalmente exceder o limite do período de miséria e humilhação.

Portanto, Quaresma não tem nenhuma ambição de fazer fortuna. Quando começa a planejar sua vida na agricultura, entregava-se a mais uma forma de demonstração das belezas do Brasil. Assim, todo entusiasmado procura o presidente Floriano Peixoto para entregar um projeto de inovações no tratado da terra que tem em vista soluções para salvar a agricultura brasileira. O presidente não dá muita atenção ao seu projeto. Não teve apoio e acabou sendo vencido pelas formigas e pragas, que destruíram tudo; e ainda pela infecundidade da terra e a mesquinhez da política interiorana, que tudo arruína. Acabou expulso dos campos. E isso foi sua segunda decepção.

Na Terceira parte, sem nenhum desalento, entrega-se então à defesa do Marechal de Ferro, Floriano Peixoto, na Revolta da Armada (1895). “Torna-se necessário refazer a administração” e já imaginava um “governo forte, respeitado, inteligente” (BARRETO, 1999, p. 129-130) a quem daria todo o seu apoio. No desenlace sangrento da repressão à Revolta, começa a perceber as execuções sumárias, as prisões, as debilidades da Pátria por qual tanto lutara, e que ainda pretende salvar:

O seu entusiasmo por aquele ídolo político era forte, sincero, desinteressado. Tinha-o na conta e enérgico, de fino e supervidente, tenaz e conhecedor das necessidades do país [...]. entretanto, não era assim. Com uma ausência de qualidades intelectuais, havia no caráter do Marechal Floriano uma qualidade predominante: tibieza de ânimo; e no seu temperamento, muita preguiça. (BARRETO, 1999, p. 147).

De acordo com Coutinho, nesse romance o tema da frustração sobressai-se de maneira pitoresca:

Mas nem por isso menos pungente, particulariza-se pela sátira contra o militarismo tendo por alvo direto a figura do Marechal de Ferro, com exageros de uma caricatura vingadora. O que não impede de projetar vigorosamente o arrivismo político em sua forma aguda e violenta, com a descrição de cenas em que se operava a ação do governo contra os insurretos da Marinha e a nota humorística da confusão comum às emergências de guerra ou de amotinamentos, em que a força desapoderada do instinto subverte os valores estabelecidos, atingindo-os indiferentemente. (COUTINHO, 2002, p. 224).

Dentre os acontecimentos, Policarpo Quaresma faz denúncias ao Presidente da República dos atos cometidos pelo próprio presidente. Acaba sendo preso novamente, e pela última vez, vencido. Apreendido e fuzilado, por crime de traição a Pátria, Policarpo Quaresma transforma-se em mártir, em símbolo de um país cujas contradições são mostradas com tanta ironia, tanta veracidade, que o leitor acaba notando o que tem de ridículo, de grotesco: não é o patriota, mas a Pátria. É preso na ilha das cobras, onde encontra seu triste fim. Esta é a terceira e última decepção.

Neste livro magistral de Lima Barreto, tema e linguagem igualmente leves destroem as últimas ilusões românticas, não sobre o patriota, repetimos, mas sobre a Pátria que o patriota ingênuo acredita existir. Lima Barreto é profundamente marcado pelos sentimentos de clemência. Pela Pátria viveu e morreu à margem da sociedade. Nascido no Rio de Janeiro, trabalhou como jornalista, sendo muitas vezes internado no Hospício Nacional, por excesso de álcool (1914 e 1919). “Saiu o major mais triste do que toda a vida. De todas as coisas tristes de ver no mundo, a mais é a loucura; é a mais depressora e pungente.” (BARRETO, 1999, p. 79). Uma existência trágica e vivida na miséria, que durou até 1922. De acordo com Bosi:

O ressentimento do mulato enfermo e o suburbanismo não o impediram, porém, de ver e de configurar com bastante clareza o ridículo e o patético do nacionalismo tomado como bandeira isolada e fanatizante: no major Policarpo Quaresma afloram tanto as revoltas do brasileiro marginalizado em uma sociedade onde já não tem pátria, quanto a própria consciência do romancista de que o caminho do “meufanista” é veleitário e impotente. Tal duplicidade de planos, o narrativo (relato dos percalços do brasileiro em sua pátria) e o crítico (enfoque dos limites da ideologia) aviva de forma singular a personalidade literária de Lima Barreto, em que reconhece a inteligência como força sempre atuante. (BOSI, 1994, p. 318, grifo do autor).

Ainda conforme Alfredo Bosi (1994), Lima Barreto foi um dos principais autores do pré-modernismo. Filho de pais mestiços, foi vítima de preconceito por causa da cor e viveu intensamente todas as contradições do início do século XX,

trabalhou na secretaria da guerra. Nos romances de Lima Barreto há, sem dúvida, muito de crônica, vida burocrática, linguagem fluente e *desambiciosa* que ofereceu uma “descida de tom” que modernizou a prosa academicista, permitindo à realidade entrar sem máscara no texto literário.

Esse magnífico autor ficou conhecido pelo uso da linguagem informal/coloquial, aproxima-se bastante do jornal, faz uso do linguajar despojado, parecido ou próximo ao cotidiano, visão crítica muita precisa da realidade, repetição de palavras e o uso de expressão mais simplista. Utiliza-se desse linguajar para aproximar a literatura da realidade brasileira; fazendo, entretanto, sobressair o tom irônico e humorístico em sua narrativa, como continuaremos a perceber no capítulo seguinte.

CRÍTICA SOCIAL E UFANISMO EM *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA*

Na obra de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, romance em terceira pessoa e singular na literatura brasileira, que começou a aparecer em 11 de agosto de 1911, no jornal do comércio do Rio de Janeiro, o escritor colocou toda a sua inspiração e toda sua aptidão de manifestar o seu entusiasmo pela Pátria. Falar deste livro é, antes de tudo, falar do prazer do texto. É uma leitura que nos seduz, que nos arrebatava. Detalhe interessante, o texto não foi imputado inicialmente como livro. Era um folhetim. E o que era isso, folhetim? Tratava-se de um gênero muito popular, no Brasil e em muitos outros países; um texto de ficção, às vezes longo, publicado em capítulos, geralmente num jornal de grande circulação.

Triste fim... trata de temas como a cidade do Rio de Janeiro e seus operários, o mulato, os moradores dos subúrbios e das favelas, todos vistos sob uma óptica social, carregados de amarga crítica, mas com uma tendência humorística. Seus enredos são simples, o registro, porém, das sensações e reflexões de suas personagens é profundo, levando-as muitas vezes a tirar conclusões ora satíricas, ora revoltadas, ora pessimistas, como acontece em *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

Com efeito, assim se pronuncia Coutinho:

Dentre os temas que abordou, Lima Barreto deixa entrar o cheiro forte da realidade nos quais destacam-se os preconceitos da sociedade da época contra os mestiços e pobres. Seus romances apresentam sempre indignação contra a insensibilidade dos ricos, a superficialidade dos burocratas, a corrupção dos políticos, a esterilidade dos falsos artistas. (COUTINHO, 1997, p. 219).

Nota-se, portanto, que Lima Barreto pertenceu à fase antecessória do modernismo, nele observando-se uma linguagem oriunda de um pensamento crítico em curso na sociedade brasileira, mas ainda dotada de uma sintaxe tradicional, isto é, sem as inovações ou rupturas a serem trazidas pelo modernismo, tal como se pode observar nas *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade. Então, a propósito do termo *pré-modernismo*, Alfredo Bosi destaca: “Creio que se pode chamar [a esta escola] pré-modernista — no sentido de premonição dos temas

vivos de 22 — tudo que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural.” (BOSI, 1994, p. 303).

Nesse período, o Brasil vivia sob tensões políticas, proclamada a república e extinta a escravidão, o Brasil se dividia entre o poder das oligarquias, representado pela oligarquia açucareira do Nordeste e pela hegemonia dos proprietários rurais de São Paulo e Minas (República do Café-com-Leite) e uma nascente burguesia industrial, ligada à produção e exportação de café e que se encontrava no eixo Rio – São Paulo – Minas Gerais.

A ascensão do café paulista correspondia ao declínio da cultura canavieira do Nordeste, o que acentuou um conflito entre ideologias conservadoras, como as representativas do nosso tradicionalismo agrário e de ideologias progressistas, em grande parte decorrentes dos fenômenos de urbanização e imigração proporcionados pelo crescimento industrial.

É a literatura produzida nesses primeiros vinte anos do século XX que chamamos de pré-modernismo, esta que, segundo alguns autores, não fora propriamente uma escola, pois não possuía características bem definidas. Havia parnasianos, simbolistas, entre outros, cada qual com aspecto próprio; no entanto, buscando delineá-los, ambos procuravam desenvolver uma literatura que realiza uma redescoberta do Brasil regionalista, buscava-se o contraste das desigualdades do Brasil.

Destacando então uma transição entre passado e futuro, realizava uma ruptura com a linguagem formal acadêmica e artificial dos parnasianos; abalando linguisticamente as características da literatura tradicional, mostrando um Brasil diferente do revelado pelo Romantismo e Realismo-Naturalismo, mostrando interesse pela terra diferente do revelado pelos naturalistas tópicos, movem as águas estagnadas da *belle époque*, observando, antes dos modernistas, as tensões que sofria a vida nacional, problematizando e denunciando a realidade brasileira ao aproximar realidade e ficção, abrindo caminho para o modernismo ao apresentar-se os problemas brasileiros, promovendo assim uma *descoberta do Brasil* pelos próprios brasileiros.

É na obra de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, que iremos identificar esta realidade social brasileira vivida no decorrer do século XIX.

Elaborada pelo ponto de vista afetivo e polêmico do autor, usando uma linguagem simples e de fácil compreensão. O efeito é um modo ao mesmo tempo realista e intencional, cujo caminho é a crônica. Lima Barreto, de modo simbólico, aguça as engrenagens da História; Pátria, do princípio até o fim, é uma estrutura, não uma fantasia; é uma marcha de arrastamento da realidade, não de idealidade; amar a significa participação da existência de todos. Para todos, Policarpo Quaresma está buliçoso dentro dos que querem um país que proteja todos os brasileiros. E justamente é a obra *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* que marca a entrada triunfal de Lima Barreto na Literatura brasileira. Assim afirma Miguel Pereira:

O seu grande livro aquele, que lhe marca o lugar na literatura brasileira. [...] Tomado ao pé da letra, parece ter um sentido, sobretudo brasileiro, pois gira principalmente em torno do ufanismo levado a sério, é uma crítica à mentalidade reinante nos primeiros anos da República. Mas, considerado em seu conteúdo psicológico, é um drama universal. (MIGUEL PEREIRA, p.307, 1973).

Entretanto, logo no início do romance, vemos que Policarpo Quaresma foi vítima de preconceito e criticado pela sua própria irmã, porque manifestava o seu nacionalismo exacerbado pela Pátria em certos arranjos musicais como as modinhas. Após investigar minuciosamente alguns compêndios, chegou à conclusão de que a modinha devia ser acompanhada pelo violão, logo, tratou de aprender esse gênero e instrumento que para ele formam a nossa autêntica expressão musical. Mas, como se pode observar no seguinte excerto, a irmã lhe era crítica implacável: “— Policarpo, você precisa tomar juízo. Um homem de idade, com posição, respeitável, como você, andar metido com esse seresteiro, um quase capadócio, não é bonito!” [...] (BARRETO, 1999, p. 15).

Não se conformando a perder o brilho no silêncio da crítica recebida, Policarpo faz apologia a esse gênero musical:

Mas você está muito enganada, mana. É preconceito supor que todo homem que toca violão é um desclassificado. A modinha é a mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ele pede. Nós é que temos abandonado o gênero, mas ele já esteve em honra, em Lisboa, século passado, com o Padre Caldas, que teve um auditório de fidalgas. Beckford, um inglês notável, muito o elogiou. (BARRETO, 1999 p. 15).

Em vista ao aferro do irmão pela modinha, Adelaide mostrou-se irredutível com as suas críticas, ainda como cutelo aguçado critica de modo satírico: “— Mas isso foi em outro tempo; agora...” (BARRETO, 1999, p. 15).

Para não concordar, Quaresma mais uma vez vê-se no dever de defender a cultura de sua Pátria: “— Que tem isso Adelaide? Convém que nós não deixemos morrer as nossas tradições, os usos genuinamente nacionais...” (BARRETO, 1999, p. 15).

Mais adiante, seu patriotismo manifesto, em sua biblioteca que tinha somente autores genuinamente brasileiros, nota-se que a sua predileção por autores nacionais e por diversas áreas do conhecimento não lhe vinha de uma irremediável ignorância, todavia, o major conhecia e muito bem francês, inglês e alemão. Lia e traduzia-os corretamente. Só tinha uma razão de ser encontrada numa disposição particular de seu espírito, no forte sentimento ufanista que direcionava a sua vida. “Policarpo era patriota. Podia-se afiançar que nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta para lá faltava nas estantes do major.” (BARRETO, 1999, p. 16). Policarpo recebia crítica porque não era formado, e assim era ridicularizado por querer ser um erudito e leitor insaciável: “Se não era formado, para quê? Pedantismo!” (BARRETO, 1999, p. 13).

Esse forte desejo veemente pelas obras brasileiras e pela nossa história amplia com arrebatamento o sentido de patriótico de Policarpo Quaresma, já patenteado antes pela modinha. Segundo Bosi,

[...] o major Quaresma não se exaure na obsessão nacionalista xenófobo; pessoa viva, as suas reações revelam o entusiasmo do homem ingênuo, a distanciam-lo do conformismo em que se arrastam os demais burocratas e militares reformados cujos bocejos amornecem os serões do subúrbio. (BOSI, 1994, p. 318).

Como se vê, o desejo imoderado de Policarpo Quaresma por querer somente produtos nacionais era tamanho, que até o seu cardápio era composto de alimentos nacionais. Como prova de apreço, podemos ver a seguir:

— O Sr. Ricardo há de nos desculpar – disse a velha senhora – a pobreza do nosso jantar. Eu quis fazer um frango com pe-tit-pois, mas Policarpo não deixou. Disse-me que esse tal petist-pois é estrangeiro e que eu o substituísse por gancho. Onde é que se viu frango com gancho? (BARRETO, 1999, p. 22).

Surpreendente o seu patriotismo. Policarpo Quaresma protegia as empresas nacionais, tudo o que é nacional, vestia-se “com pano nacional, calça botas nacionais, e assim por diante.” (BARRETO, 1999, p. 22). Sua bebida era nacional, Quaresma exaltava os produtos nacionais: “banha, o toucinho e o arroz.” (BARRETO, 1999, p. 22).

Mais extraordinário como em tudo, major Quaresma era um jardineiro essencialmente nacional. Sempre valorizando a flora nacional, que as nossas terras tinham as mais belas, mais expressivas, mais olentes. “[...]. Era uma maravilha [...], beijos-de-frades, palmas-de-santa-rita, quaresmas lutulentas, manacás melancólicos e outros belos exemplares dos nossos campos e prados.” (BARRETO, 1999, p. 23).

Também segundo o ponto de vista de Celso Afonso, o Brasil tem as mais belas flores do mundo, pois nenhuma é exímia à nossa

[...] flora brasileira, maravilhosamente rica, é dado se juntarem todas as flores e frutas do universo. Nenhuma é incompatível com a nossa natureza. Não há planta exótica que, convenientemente tratada, deixe de germinar no Brasil. (CELSO, 2002, p. 7).

O Brasil era um país completo, ao ver de Quaresma, não faltava nada, “tinha todos os climas, todos os frutos, todos os minerais e animais úteis, as melhores terras de cultura, a gente mais valente, mais hospitaleira, mais inteligente e mais doce” [...]. (BARRETO, 1999, p. 27).

Portanto, o major não se sentia satisfeito apenas em exaltar as riquezas da Pátria. Não era somente por isso que estudava, mas também pelo “valor do ouro, dos diamantes exportados de minas”, (BARRETO, 1999, p. 17) e das espécies vegetais e minerais, que sem dúvida haveriam de trazer status e poder à nação brasileira. Sua maior ambição era granjear um “conhecimento inteiro do Brasil” (BARRETO, 1999, p.16), levando-o à reflexão sobre os recursos do país, para mais tarde então propagá-los com total conhecimento.

Destaque se aqui que desde menino Policarpo fantasiara ser soldado. Tinha o intuito de ser um defensor da Pátria, um herói genuinamente nacional. Foi julgado inabilitado no exame médico, e compensara a frustração com um cargo burocrático no Exército. Dedicara-se, por fim, ao estudo do Brasil. Vejamos:

Logo aos 18 anos quis fazer-se militar; mas a junta de saúde julgou-o incapaz. Desgostou-se, sofreu, mas não maldisse a Pátria. O ministério era liberal, ele se fez conservador e continuou mais do que nunca amar a “amar a terra que viu nascer”. Impossibilitado de evoluir-se sob os dourados do exército, procurou a administração e dos seus ramos escolheu o militar. Era onde estava bem. No meio de soldados, de canhões, de veteranos, de papelada inçada de quilos de pólvora, de nomes de fuzis e termos técnicos de artilharia, aspirava diariamente aquele hálito de guerra, de bravura, de vitória, de triunfo, que é bem o hálito da Pátria. (BARRETO, 1999, p. 17).

Nesses excertos, é muito visível a forte ironia do narrador por fazer uma forte exaltação do afeto do personagem à Pátria. Quando o narrador manifesta: “aspirava diariamente aquele hálito de guerra, de bravura, de vitória, de triunfo, que é bem o hálito da Pátria” (BARRETO, 1999, p. 17), mostra claramente um sentimento de repulsa pela nação, pois essa forte cobiça pela Pátria se constituía numa comodidade ufanista/abstrata do major Policarpo Quaresma em contraponto à realidade consistente do dia-a-dia presente no Arsenal (Jornal em que trabalhava) e na sociedade carioca.

Quaresma nunca se cansava de engrandecer a Pátria, chegava ao ponto de brigar pela superioridade do rio Amazonas em face do rio Nilo. Cometia até o *crime* de amputar alguns quilômetros do rio Nilo, como podemos comprovar neste fragmento:

Defendia com azedume e paixão a proeminência do Amazonas sobre todos os demais rios do mundo. Para isso ia até o crime de amputar quilômetros ao Nilo e era com este rival do “seu” rio que ele mais implicava. Ai de quem citasse na sua frente! Em geral calmo e delicado, o major ficava agitado e malcriado, quando se discutia a extensão do Amazonas em face do Nilo. (BARRETO, 1999, p.35)

Essas ideias de realçar as grandezas da Pátria levaram Policarpo Quaresma a dedicar-se também aos estudos dos costumes tupinambás, e, como uma ideia conduziu outra, logo estendeu o seu propósito de cumprimentos, de cerimônias domésticas e festas, calcado nas doutrinas tupis. Podemos comprovar no fragmento abaixo:

Desde dez dias que se entregava a essa árdua tarefa, quando (era domingo) lhe bateram à porta, em de seu trabalho. Abriu, mas não apertou a mão. Desandou a chorar, a berrar, a arrancar os cabelos, como se estivesse perdido a mulher ou um filho. [...] — Mas que é isso, compadre? [...] ele ainda chorou um pouco. Enxugou as lágrimas e, depois, explicou com a maior naturalidade. Eis aí! Vocês não têm a mínima noção das coisas

da nossa terra. Queriam que eu apertasse a mão... Isto não é nosso! Nosso cumprimento é chorar quando encontramos os amigos, era assim que faziam os tupinambás. (BARRETO, 1999, p. 36)

De acordo com Celso Afonso, impossível seria descrever “minuciosamente os primores do Brasil, que tais o poeta não encontrava na Europa, e cuja magnificência impressiona os estrangeiros mais que os nacionais, por estarem estes habituados a gozá-la.” (CELSO, 2002, p. 12). Realmente, o Rio Amazonas é o maior e o mais belo, é uma...

[d]as maravilhas da natureza, o maior rio do mundo! A sua bacia é igual a 5/6 da Europa. Uma de suas ilhas, a de Marajó, excede em tamanho a Suíça.

Nem todo ele pertence ao Brasil, mas a parte brasileira é, senão a mais extensa, a mais importante, curiosa e rica. (CELSO, 2002, p. 13).

No dizer sutil de Oliveira Lima,

[t]em Policarpo Quaresma algo de quixotesco, e o romancista soube explorar os efeitos cômicos que todo quixotismo deve fatalmente produzir, ao lado do patético que faltamente acompanha a boa-fé desarmada. Seus requerimentos pedindo às autoridades que introduzissem o tupi como língua oficial; sua insólita forma se receber as visitas, chorando e gesticulando como um legítimo goitacá; suas baldadas pesquisas folclóricas na tapera de uma negra que mal recorda cantigas de ninar: eis alguns dos recursos do autor para referir à tecla do riso. (OLIVEIRA LIMA apud BOSI, 1994, p. 319 - 320).

Aproveitando o remoque do nacionalismo em Policarpo Quaresma, temos outra inquietação da personagem protagonista com o folclore brasileiro, o qual vivia “refletindo em suas frustradas pesquisas folclóricas, a fim de aprender algumas cantigas do “bumba-meu-boi” e o “boi Espácio”. Certa feita, conta-se no *Triste fim...* que Policarpo ficou indignado quando, na casa de uma negra, percebeu que a mesma mal se lembrava das cantigas de acalantar crianças. Saiu triste e decepcionado, murmurando:

Como é que o povo não guardava as tradições de trinta anos passados? Com rapidez morriam, assim, na sua lembrança, os seus folgares e as suas canções? Era bem sinal de fraqueza, uma demonstração de inferioridade diante daqueles povos tenazes que os guardam durante séculos! Tornava-se preciso reagir desenvolver o culto das tradições, mantê-las sempre vivazes nas memórias e nos costumes... (BARRETO, 1999, p. 32).

Tamanho é o seu apreço pela Pátria, que o leva a dispor de algumas mudanças radicais, com o que pretendia combater os “proprietários da língua” (BARRETO, 1999, p. 54). Como a libertação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática, que decreta o tupi-guarani como “língua oficial nacional do povo brasileiro.” (BARRETO, 1999, p. 54). Foi uma demonstração do ridículo por parte do personagem, estando completamente alienado à realidade da época e vivendo de utopias. É evidente que o tupi não seria uma solução, mas Policarpo Quaresma tinha convicção de que com essa ideologia o Brasil, por assim condizer, começaria de novo e começaria certo.

Podemos comprovar essa atitude alucinada em um fragmento deste documento feito por Policarpo Quaresma, publicado nos jornais, na seção referente à câmara dos deputados:

Demais, Srs. Congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas a que o polissintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e apitar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto, possuidores da organização fisiológicos e psicológicos para que tendemos, evitando-se, dessa forma, as estéreis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação cerebral e ao nosso aparelho vocal – controvérsias que tanto empecem o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica. (BARRETO, 1999, p. 54).

Tendo em vista qual fosse seu propósito, o certo é que o assunto repercutiu intensamente. “Este requerimento do major foi durante dias assunto de todas as palestras. Publicado em todos os jornais, com comentários facetos, não havia quem não fizesse uma pilharia sobre ele [...]” (BARRETO, 1999, p. 55). Isso gerou uma grande intriga entre ele e o diretor do Arsenal. Sendo Quaresma considerado doido por tal atitude, foi punido com uma suspensão. Podemos comprovar nesse diálogo entre o diretor e Quaresma.

— Então o senhor leva a divertir-se comigo, não é?
 — Como? — fez Quaresma espantado.
 — Quem escreveu isso?
 O major nem quis examinar o papel. Viu a letra, lembrou-se da distração e confessou com firmeza:
 — Fui eu.
 — Então confessa?
 — Pois não. Mas V. Exa. não sabe...
 — Não sabe! Que diz? [...]

— Não sabe! Como é que o senhor ousa dizer-me isso! Tem o senhor porventura o curso de Benjamin Constant? Sabe o senhor matemática, astronomia, física, química, sociologia e moral? (BARRETO, 1999, p. 63).

No trecho mencionado, há uma forte crítica, ofensa profunda e humilhação do diretor pelo fato de Quaresma não ter nem um título acadêmico, foi o abuso de poder do diretor do Arsenal, gloriando-se com tantos títulos valiosos e raros. Policarpo Quaresma era um homem gentil, bom e moderado, nunca fora seu propósito questionar o conhecimento do seu diretor. Quaresma não tinha nenhuma vaidade. Quando Quaresma ia formalizar seu pedido de desculpa, ouviu aquela abundância de saber de títulos a sobrenadar em águas tão furiosas, “perdeu o fio de pensamento, a fala, idéias, e nada mais soube nem pôde dizer.” (BARRETO, 1999, p. 64).

Certo dia, Quaresma abre o jornal de Curuzu, “O município”, e depara-se com um artigo do jornal apoiado pelo partido da situação, onde há um poema de duas estrofes, satirizando-o:

Política de Curuzu
 Quaresma, meu bem, Quaresma!
 Quaresma do coração!
 Deixa as batatas em paz,
 Deixa em paz o feijão
 Jeito não tens para isso
 Quaresma, meu cocumbi!
 Volta à mania antiga
 De regidir em tupi.
 (BARRETO, 1999, p. 111)

Como sempre, ninguém levou muito a sério os grandiosos planos de Quaresma. Há uma forte ironia em forma de versos, na tocante iniciativa de Policarpo em se intrometer na vida particular e política das famílias de Curuzu. Há uma aversão errônea por acharem que o major viera para ali no simples intuito de fazer política por ajudar aqueles pobres coitados trabalhadores, porque dava esmolas ou deixava o povo fazer *lenha no seu mato*, ou porque distribuía remédios homeopáticos.

Mas o que havia de fato era um grande sentimento utópico patriótico que foi pairar no apego do personagem à agricultura, comprovando-se que as terras brasileiras eram verdadeiramente fecundas: “Vou fazer o que tu dizes: plantar, criar,

cultivar o milho, o feijão, a batata-inglesa... tu irás ver as minhas culturas, a minha horta, o meu pomar; então é que te convencerá como são fecundas as nossas terras!” (BARRETO, 1999, p. 80).

A denotação desse nacionalismo equivocado que se declara com base na realidade da política social da época, vai-se patenteando também à medida que averiguamos os desencontros desse nacionalismo ufanista, dessa visão idealista do Brasil, com a realidade brasileira, cujas mazelas são denunciadas através das críticas sociais em Lima Barreto, por exemplo, em outras palavras, esse descompasso mostra a inquietação de Policarpo Quaresma em face da realidade na qual a sociedade àquela época estava inserida.

Já no início da terceira parte da obra vamos encontrar Policarpo Quaresma no palácio do governo fazendo uma proposta de melhoria para o país. Como sempre, tudo o que ele faz é pensando no benefício do seu país. Mais uma vez elabora um projeto que propõe medidas para salvar a agricultura brasileira. É uma das iniciativas que ele vê como pertinente para solução do problema da má distribuição de terras entre o povo brasileiro. Consegue falar com o Presidente Floriano Peixoto, que não dá muita atenção ao papel: “Deixa aí”, diz seco. É notório então o grande desinteresse do governo em torno da socialização agrária no Brasil:

— V. Exa. Já leu o meu memorial, marechal?

Floriano respondeu lentamente, quase sem levantar o lábio inferior pendente:

— Li.

— Quaresma entusiasmou-se:

—Vê V. Exa. Como é fácil erguer este país. Desde que se cortem todos aqueles empecilhos que eu aponte, no memorial que V. Exa. teve a bondade de ler; desde que se corrijam os erros de uma legislação defeituosa e inadaptável do país [...].

O presidente aborrecia-se. Num dado momento, disse:

— Mas pensa você, Quaresma, que eu hei de pôr a enxada na mão de cada vadio?! Não havia exército que chegasse...

Quaresma espantou-se, titubeou, mas retorquiu:

— Mas, não é isso, marechal. V. Exa. com o seu prestígio e poder, está capaz de favorecer, com medidas energéticas [...], encaminhar o trabalho, de favorecê-lo, e torná-lo remunerador...

Floriano já ouvia Quaresma muito aborrecido, [...] dizendo com aquela sua placidez de voz:

— Você, Quaresma, é um visionário... (BARRETO, 1999, p. 171).

Observamos tamanho desapego e desânimo de Floriano Peixoto ao projeto do major, que ao ver Quaresma com apelo à legislação de medidas governamentais,

se irritou, chamando-o de visionário. Mas Policarpo ainda alimentava a esperança de que, passando o momento de crise política, o Marechal voltaria seu olhar com atenção dedicada às suas respostas. Como se vê, o protagonista de *Triste fim...* realimentava incessantemente um nacionalismo quase pedante, que, enquanto estratégia discursiva de Lima Barreto expõe de forma contundente os embaraços da política e da sociedade brasileira.

Para Coutinho (2000), o autor:

[...] em seu principal romance, o Policarpo Quaresma, [...] faz uma crítica demolidora da sociedade brasileira, atingindo-a em seu ponto talvez mais típico: no modelo de desenvolvimento "prussiano", "pelo alto", que o florianismo e o militarismo [...] encarnavam tão bem. (COUTINHO, 2000, p. 27)

A lucidez é finalmente adquirida quando Quaresma torna-se major nas tropas que defendem o governo. Designado a ser carcereiro, convive com os prisioneiros amontoados nas antigas salas de aulas, brancos, pretos, mulatos, e mestiços de toda sorte; gente que havia sido arrancada à força de suas casas por algum desmando político ou abuso de poder de algum delegado. De acordo com Oliveira Lima (1994), na prisão Quaresma reflete sobre sua vida, tal como podemos ler nas “páginas finais de solidão [que] voltam a colorir com tinta da melancolia a prosa limabarretiana” (OLIVEIRA LIMA apud BOSI, 1994, p. 320):

Como lhe parecia ilógico com ele mesmo estar ali metido naquele estreito calabouço. Pois ele, o Quaresma plácido, o Quaresma de tão profundos pensamentos patrióticos, merecia aquele fim? De que maneira sorrateira o Destino o arrastara até ali, sem que ele pudesse pressentir o seu extravagante propósito, tão aparentemente sem relação com o resto da vida? (BARRETO, 1999, p. 201).

O cume de suas decepções se dá ao presenciar a escolha a esmo dos prisioneiros que seriam fuzilados sem julgamento sem as formalidades legais, feito às escondidas. Policarpo, revoltado com a impunidade, escreve uma carta com veemência ao presidente, protestando contra a arbitrariedade. Nada omitiu do seu pensamento, falou claro, franca e nitidamente. Resultado: é preso. Sua falta é considerada gravíssima; será punido com a execução.

Iria morrer quem sabe se naquela noite mesmo? E que tinha feito de sua vida? Nada, levava toda ela atrás da miragem de estudar a pátria, por amá-la e querê-la muito, no intuito de contribuir por sua felicidade e prosperidade. Gastara a sua mocidade nisso, a sua virilidade também; e agora que estava na velhice, como ela o recompensava como ela premiava como ela o condecorava? Matando-o. O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada... Outra decepção. E quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepção... A Pátria que quisera ter era um mito. E, pensando bem, o que vinha a ser Pátria? Não teria levado toda sua vida nordeada por uma ilusão? Como é que não viu nitidamente a realidade. (BARRETO, 1999, p. 202).

Na citação acima, podemos vivenciar os momentos de desilusão. Quando Quaresma despertou, chegou à conclusão de que o seu problema não era aquilo que chamava de Pátria. A questão de Policarpo Quaresma era consigo mesmo, “o seu isolamento, o seu esquecimento, de si mesmo; e assim é que ia para cova, sem deixar traço seu, sem um filho, sem um amor, sem um beijo mais quente,” [...] (BARRETO, 1999, p. 203).

Policarpo teve uma fenda de claridade e começou indagar o que fizera de sua vida, idealização pela Pátria que só lhe trouxe decepção e levava ao seu fim. Quaresma se perguntava onde estaria a doçura de nossa gente. “Há quantos anos vidas mais valiosas que a dele se vinha oferecendo, sacrificando, e as coisas ficaram na mesma, a terra na mesma miséria, na mesma opressão, na mesma tristeza.” (BARRETO, 1999, p. 204).

Como ele era tão sereno, tão lúcido, empregava sua vida, gastara o seu tempo, envelhecera atrás de tal quimera. Mesmo na sua inocência, o que vinha a ser a Pátria? Não teria levado toda a sua vida nordeada por uma desilusão, por uma ideia a menos, sem base, sem apoio. Fica a grande decepção de um brasileiro idealista, pois havia estudado tanto. Trinta anos de meditação patriótica, de estudos e reflexões, acabou sendo fuzilado:

Desde 18 anos que o tal patriotismo o absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante è que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas coisas de tupi, do folclore¹, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma! (BARRETO, 1999, p. 202).

¹ Na época em que o romance foi escrito ainda escrevia-se a palavra folclore com o k no lugar de c.

Conforme a crítica social desenvolvida no romance, manifesta-se um sentido irônico dado pelo autor na representação dos personagens durante o desenrolar da história. Logo, a figura ridícula vai se convertendo em caricatura da Pátria: a Pátria de um general que nunca foi à guerra, de imagens bajuladoras e epidérmicas de políticos e militares que não tinham nem uma honra militar. É o caso do general Albernaz, como podemos comprovar na seguinte citação:

O general tinha nada de marcial, nem mesmo o uniforme que talvez não possuísse. Durante toda sua carreira militar, não viu uma única batalha, não tivera comando, nada fizera que tivesse relação com a sua profissão e o seu curso de artilheiro. Fora sempre ajudante-de-ordem, [...] nada entendia de guerras, de estratégias de tática ou de história militar; a sua sabedoria a tal respeito estava reduzida às batalhas do Paraguai, para ele a maior e a mais extraordinária guerra de todos os tempos. O altissonante título de general, [...]. Ficava mal naquele homem plácido, medíocre, bonachão, cuja única preocupação era casar as cinco filhas e arranjar pistolões para fazer passar o filho nos exames do colégio militares. (BARRETO, 1999, p. 28).

E também o caso de Inocêncio Bustamante, oficial egocêntrico e corrupto, que possuía honras de major e fazia descaso com os valores pátrios. Só pensava em seu próprio benefício. Enquanto Quaresma idealizava a Pátria, para ele, como para tantos outros, o Brasil era caso perdido: “Este país não vale mais nada. Imaginem que o meu requerimento, pedindo honras de temente-coronel, está no ministério há seis meses! Uma desordem — exclamaram todos” (BARRETO, 1999, p. 48).

Há outro personagem marcante na obra, é o Dr. Campos, presidente da Câmara, era um político que visava somente os seus próprios interesses, afirmava que as terras pertenciam aos grandes fazendeiros e que os funcionários não eram nada, ou seja, pessoas humildes e sofridas, faces amareladas e chupadas, crianças maltrapilhas e sujas desiludidas da vida. Assim se referia, pois, aos pobres. Tentou subornar Quaresma a que declarasse ao juiz que a sessão eleitoral adversária, localizada na sua vizinhança, não tivesse os votos contados:

— Como o major sabe as eleições se devem realizar por estes dias. A vitória é “nossa”. Todas as mesas estão conosco, exceto uma... Aí mesmo, se o major quiser...

— Mas, como? Se eu não sou eleitor, não me meto, nem quero meter-me em política? — perguntou Quaresma ingenuamente.

— Exatamente por isso — disse o doutor com voz forte; e em seguida brandamente: — A seção funciona na sua vizinhança, é ali, na escola...

— E daí?

— Tenho aqui uma carta do Neves, dirigida ao senhor. Se o senhor responder (é melhor) que não houve eleição... Quer? O presidente tirou um maço de dinheiros da carta.

— Absolutamente não. (BARRETO, 1999, p. 126, 127)

Naturalmente, Quaresma não aceitou tal proposta indecente e foi punido, com ofício e intimado sob pena das mesmas posturas e leis, a roçar e capinar as testadas do referido sítio que confrontavam com as vias públicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ler obras literárias como fontes históricas, novas abordagens são tornadas possíveis ao leitor que se serve de tal material. Dentre elas, compreender que certos literatos usam como contexto em sua obra o mesmo período em que vive, legitima a suposição de que o artista então infere no texto ficcional elementos similares, quando não iguais, do conjunto de pessoas em que está inserido. Além disso, a forma como o autor desvenda; bem como a perspectiva por ele dada a fatos e a determinados detalhes, servem como indícios para que o leitor assimile quais as intenções expressas no texto em questão, e com isso possa, tendo o texto como base, reconstruir, ele próprio, a história.

O escritor Lima Barreto entendeu o nacionalismo como uma criação histórica, o qual foi historicamente manipulado de diversas formas: transformou-se em nazismo na Alemanha e em fascismo na Itália; aqui no Brasil, mais tarde, foi usado como justificativa à ditadura de 21 anos (1964-1985). Evitando enumerar a longa lista dos desmandos que ocorreram mundo afora, circunstanciados pelo nacionalismo chauvinista, ressalte-se, entretanto, a importância de um nacionalismo soberano, lúcido e com propriedade, o qual era de fato reclamado por Policarpo Quaresma, sentindo a falta deste respeito e honra fundamental para com a Pátria.

Partindo do apresentado neste trabalho, entendemos que a obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, a qual decorre no final do século XIX, num período em que transformações políticas ocorriam no país e no mundo, oferece uma leitura oportuna e ainda indispensável à reflexão sobre o amor e o apreço que devemos ter pela nossa terra; bem como o compromisso de livrá-la da corrupção desmedida, tornando-a mais justa e solidária.

Compreenda-se, pois, que o patriotismo ou nacionalismo instigado por Lima Barreto não são uma manifestação do que se sente fortuitamente, e sim um processo natural de desenvolvimento histórico que deve ser uma das diretrizes norteadoras das políticas públicas sociais brasileiras. Enfim, Lima

Barreto com sua *literatura como missão* desmascara a corrupção existente na capital carioca e expõe as mazelas da sociedade na República Velha, desmistificando a áurea europeizada que dominava o nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Lima. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. 4. ed. São Paulo: Editora Martin Claret. 1999.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 42. ed. São Paulo: Pensamento – Cultrix, 1994.

_____. **História concisa da Literatura Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, s/d.

CELSO, Afonso. **Porque me ufano do meu país**. 8. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2002.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1997.

_____. **A literatura no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 2002.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia, **História da Literatura brasileira: Prosa de ficção**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora J. Olympio, 1973.

NICOLA, José de. **Literatura brasileira. Das origens aos nossos dias**. 15. ed. São Paulo: Scipione, 1998.

PRADO, Antonio Arnoni. **Trincheira, palco e letras: literatura e utopia no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

ANEXOS



Figura 1 – Policarpo e o General.

Fonte: João Luís

Na cena acima do filme, produzido para as telas a partir do romance *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, vemos o personagem protagonista interpretado por Paulo José em atuação destacada. Dirigido por Paulo Thiago, já nos revela, de forma chocante, um pouco do espírito de Lima Barreto, tramando uma conspiração através de suas narrativas contra a mesmice e a falta de inteligência ou, ainda, declarando-se a favor da educação, da cultura, da busca de ideologia e conhecimento, e das possibilidades que sucederam dessas práticas para a elevação do Brasil à condição de potência mundial.



Figura 2 – Policarpo, Olga e os deputados.

Fonte: João Luís

Policarpo Quaresma defendendo em plena câmara dos deputados, na capital federal em fins do século XIX, o Rio de Janeiro, que o idioma nacional deveria ser o Tupi-Guarani, o que faz com que se torne alvo de diversas ironias e escárnios.